

Da formação de trabalhadores para ingressantes no vestibular : as transformações do discurso do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo na segunda metade do século XX e XXI

Raphael Leon Vasconcelos

Mestrando em História Social na Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

O presente artigo analisa as transformações dos objetivos pedagógicos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo na segunda metade do século XX e início do XXI. De uma escola que visava à formação de trabalhadores para a indústria passou a se tornar cada vez mais preocupada com o acesso ao ensino superior. Se antes não estava na missão do Liceu preparar o estudante para o vestibular, no século XXI percebe-se que grande parte da propaganda oficial da escola é o fato dela ser uma das que mais possuem alunos que ingressam nas universidades públicas sem a necessidade de cursinhos. Tudo isso representou alterações na forma como foi compreendido o ensino e no próprio corpo docente. Os estudos acerca do Liceu concentraram-se muito mais no final do século XIX e início do XX havendo muitos poucos trabalhos que exploram a segunda metade do século XX. O artigo analisa esse momento histórico em que a instituição já tinha apartado o seu setor industrial do seu setor de ensino. Se em um primeiro momento, os alunos estavam associados aos ofícios do artesão e participavam da produção (inclusive tendo a possibilidade de vender os seus próprios produtos para o mercado), na década de 40 começou haver uma especialização do setor educativo. Este é o período inicial a qual pretendo analisar e, a partir dele, compreender as transformações até os dias atuais.

Palavras-chave Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, objetivos pedagógicos, ensino profissionalizante, vestibular.

Resumen

Este artículo analiza las transformaciones de los objetivos pedagógicos del Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo en la segunda mitad del siglo XX y principios del siglo XXI. De una escuela destinada a capacitar trabajadores para la industria, se convirtió para una que tenía una preocupación mayor con el acceso a la enseñanza superior. Si antes no estaba en la misión del Liceu capacitar el estudiante para el examen de ingreso a la universidad, en el siglo XXI, gran parte de la propaganda oficial de la escuela es que ella es una de las que más tiene alumnos que ingresan en las universidades públicas sin la necesidad de cursos preparatorios. Todo esto representa cambios en la forma en que se ve la enseñanza y en el propio cuerpo estudiantil. Los estudios sobre el Liceu están mucho más concentrados a fines del siglo XIX y principios del siglo XX, y muy pocos trabajos exploran la segunda mitad del siglo XX. El artículo analiza este momento histórico en el que la institución ya había separado su sector industrial de su sector educativo. Si al principio los estudiantes se asociaron con la artesanía y participaron en la producción (incluyendo la posibilidad de vender sus propios productos en el mercado), en la década de 40 hubo una especialización del sector educativo. Este es el período inicial que pretendo analizar y, a partir de él, comprender las transformaciones hasta el día de hoy.

Palabras-clave Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, objetivos pedagógicos, educación profesional, examen de ingreso a la universidad.

Origens do Liceu

Em 1873, foi criada a Sociedade Propagadora de Instrução Popular com o intuito de fornecer ensino para as classes menos abastadas. Assim, com a fundação do prédio em 1874, na rua São José, surgiram as primeiras classes de curso primário da instituição. Após algumas transformações na grade curricular com o intuito de ampliar o ensino primário e fornecer disciplinas relacionadas às Ciências Aplicadas e Artes, em 1882, mudou o seu nome para Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo¹. Essa mudança de sociedade de assistência para a instituição de Liceu, não ocorreu apenas em São Paulo. Esse movimento ocorreu em diversas cidades do país. Como exemplos, cito: a Sociedade Propagadora de Belas Artes (no Rio de Janeiro) que se transformou em Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro em 1858; a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais (no Recife) que se transformou em 1880; a Associação Protetora de Instrução Popular (em Maceió), em 1884; e a Sociedade Artística Ouropretana (em Ouro Preto), em 1886². Dentre todos esses, o de São Paulo destacou-se tanto no que concerne ao volume de publicações acadêmicas, quanto no que se refere a importância para a história da educação profissionalizante no Brasil, fato esse que está intrinsecamente associado ao seu papel social na expansão da cidade no final do século XIX e início do XX.

Em 1889, com a administração Ramos de Azevedo, o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo passou a estar mais articulado com uma rede de contatos que o permitiu atender diversas demandas da cidade, principalmente no que se refere ao ramo da construção civil. Como o diretor também possuía um escritório de arquitetura, muitas obras monumentais passaram a ser fabricadas a partir das oficinas e da mão de obra dos artesãos do Liceu. Além disso, Ramos de Azevedo foi proprietário da Cerâmica Vila Prudente e da Serralheria Central e possuía contatos de parentescos com a Casa Ernesto de Castro, importadora de materiais de construção. Trabalhou também com a Companhia Iniciadora Predial, o Banco Ítalo-Belga e a Caixa Econômica Federal³. Todos esses contatos com o capital financeiro contribuíram para a

- 1 SEVERO, Ricardo. *O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Histórico, estatutos, regulamentos, programas, diplomas*. Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, 1934, p.7-14.
- 2 CUNHA, Luiz Antônio. *O ensino de Ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Unesp; Brasília, DF: Flacso, 2005a, p.122.
- 3 NAGAMINI, Marilda. *Contribuições para a história da construção em São Paulo: o ensino e a pesquisa*. Tese (doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999, p.174.

expansão do Liceu, ainda mais em um contexto no qual a cidade de São Paulo estava em um crescimento acelerado⁴.

Esse momento foi considerado como uma época áurea da instituição, constituindo-se também como o período mais estudado entre os pesquisadores atualmente. A compilação de documentos realizada pelo diretor Ricardo Severo em 1934, e que foi publicada em livro, contribuiu também para que uma série de estudiosos pudesse analisar a instituição nesse final do século XIX e início do XX. A documentação nos períodos posteriores encontra-se de modo muito mais difuso e é mais escassa devido às intempéries pela qual passou o acervo da escola. Aconteceram enchentes e incêndios a que destruíram parte das fontes⁵. E, só recentemente, no século XXI, o processo de catalogação e de cuidado do acervo foi realizado. Essas são algumas das razões de não terem sido produzidos muitos trabalhos sobre o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo na segunda metade do século XX. A concorrência com outras instituições, que surgiram devido à expansão do ensino profissionalizante, também fez com que o Liceu perdesse grande parte de seu prestígio na cidade. Além disso, aos poucos, diversos setores da sociedade, como o da arquitetura, passaram a associar a imagem do Liceu como algo antiquado e precisava ser ultrapassado. Lina Bo Bardi, por exemplo, criticou ferozmente a prefeitura por solicitar a confecção dos caixilhos, que iram constituir o MASP (Museu de Arte de São Paulo), ao Liceu. Seu argumento era que uma instituição arcaica não poderia fazer parte da construção de um edifício moderno⁶.

A escola, portanto, prefere cultuar mais esse momento “áureo” do final do século XIX e início do XX em que a instituição foi o laboratório de experiências inovadoras como a de Roberto Mange com a Escola de Mecânica anexa ao Liceu de Artes e Ofícios e que possuía uma centralidade tanto no que concerne ao ensino de ofícios quanto na produção. Isso acaba

- 4 Para além das obras arquitetônicas na cidade de São Paulo, o Liceu participou de diversas exposições ganhando prêmios e condecorações como em Saint Louis (1904), Rio de Janeiro (1908), Bruxelas (1910), entre outros (SEVERO, *op.cit.*, p. 223-225). Algo que contribuiu para que a instituição promovesse ainda mais a sua imagem. Em partes, essa ligação com o mundo do sistema das artes também se deve às conexões estabelecidas com a direção do Liceu. Como exemplo, cito o fato de que o próprio Ramos de Azevedo foi o vice-presidente do Comité France-Amérique de São Paulo, que foi uma das instituições responsáveis pela organização de uma exposição de arte francesa ocorrida em 1913 nas dependências do prédio do Liceu de Artes e Ofícios (NASCIMENTO, Ana Paula. “1913: A exposição de arte francesa no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo: o que fazer com o que restou?”. In: *História da Arte em exposição: anais do colóquio*. Campinas: 2014, p.214-226.)
- 5 A reportagem do jornal “Diário Popular” do dia 9 de abril de 1974 assinala que as chuvas de março inundaram depósitos subterrâneos fazendo com que fossem perdidos diversos livros e documentos do arquivo do Liceu referente ao período de 1903 a 1967. Para além desse evento, houve outros como a destruição da gipsoteca em 1945 e do Centro Cultural em 2011. Ambos em virtude de um incêndio.
- 6 CONTIER, Raquel Furtado Schenkman. *Do vitral ao pano de vidro. O processo de modernização da arquitetura em São Paulo através da vidraçaria (1903-1969)*. Dissertação (mestrado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p.228.

resvalando na própria produção acadêmica. Em regra geral, quase todos os livros que procuram realizar um panorama histórico da educação profissionalizante no Brasil dedicam alguns parágrafos, ou até mesmo um capítulo, para tratar sobre esse período da história do liceu de São Paulo⁷. No entanto, isso contrasta com as reduzidas referências à instituição após os anos 40, mesmo em teses e dissertações.

Em 1943, a instituição adequou-se à lei orgânica de ensino industrial, de modo a começar um divórcio entre as práticas educativas e as atividades produtivas. Esse foi o momento de formação da Escola Ramos de Azevedo, que seria o setor especializado no ensino. Se antes a instrução era dada junto com o mestre artesão e os alunos faziam os produtos que eram comercializados pela Liceu⁸, nos anos 40, montou-se uma estrutura escolar melhor delimitada com currículos e papéis mais definidos. Tal modificação também estava associada à passagem de uma economia que estava se industrializando e que, cada vez mais, massificava a sua produção.

O destino dos especializados artesãos será implacável. Uns organizam manufaturas artísticas dignas e menção, mas enfrentam dificuldades para manter os serviços pautados por critérios qualitativos, que se mostram inviáveis economicamente. Na etapa seguinte da industrialização, esses profissionais serão pouco solicitados, desaparecendo ou assistindo a ausência de muitas de suas atribuições. São chamados a participar da criação de matrizes, única instância em que atua o artista na sociedade indústria mecanizada, que prescinde de qualquer decisão durante o processo de execução. Esses artesãos abordados foram, portanto, os últimos representantes da cultura artística, qualitativa, antes que se tornasse dominante a produção de base quantitativa.⁹

(...)

Como se nota, passou-se da ferramenta à máquina, do objeto ao aparelho. A experiência do artesão se transferiu para a solução das matrizes, viabilizando a produção mecânica¹⁰.

Carmen Silvia Vidigal Moraes utiliza, em seu livro “A socialização da força de trabalho: Instrução Popular e qualificação profissional no Estado de São Paulo (1873-1934)”, o

7 Como exemplos de livros que apresentam um panorama sobre a educação profissional e que tratam em algum momento o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo podem ser citados: MANFREDI (2002), NASCIMENTO (2007), LIMA, SANTOS FILHO e SANTO FILHO (2008), CORDÃO e MORAES (2017).

8 É possível encontrar alguns relatos que indicam que a oficina de marcenaria do Liceu continuava a funcionar a partir de uma lógica de mestre e aprendiz. Isso, contudo, chegou a ser criticado pela direção até que, nos anos 80, ela foi encerrada a partir da justificativa de que não era compatível com o mundo contemporâneo. Nos anos 90, a produção industrial do Liceu possuía uma outra conformação estando dividida em quatro áreas: saneamento, gás, construção civil e fundição.

9 BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Artesanato: Arte e indústria*. Tese (doutorado), FAU/USP, São Paulo, 1988, p.342.

10 *Ibidem*, p.354.

exemplo do Liceu como uma instituição que passou a dedicar cada vez mais às demandas da indústria e ao processo de racionalização com inspiração fordista e taylorista. Assim, o modo como foi concebido o papel do Liceu de Artes e Ofícios transformou-se nesse início do século XX. Este se segmentou em dois órgãos: uma indústria que buscava cada vez mais a modernização no sentido capitalista¹¹ e a produção em larga escala e uma escola ofertando ensino de segundo grau. Objetivos distintos que eram sustentados pela mesma marca do Liceu.

Esse divórcio entre as práticas educativas e o setor produtivo, no entanto, não foi algo completo em absoluto sendo possível perceber a existência de jovens estudantes que acompanhavam a confecção de produtos do Liceu como os hidrômetros, inclusive realizando pequenas tarefas. Obviamente, os alunos não eram responsáveis pela maior parte dos produtos que, por sua vez, eram realizados por operários contratados. Todavia, conforme pode ser visto nas notícias de jornais dos anos 50 e 60, havia pontos de contato entre o público discente e o operariado.

Na reportagem do dia 31 de março de 1968, na página 9 do Diário Popular, há uma página inteira dedicada ao Liceu. Ao redor da redação, existem fotos que revelam que os estudantes possuíam uma participação no ambiente de trabalho da indústria. A montagem de hidrômetros, a fundição e usinagem do bronze eram realizadas pelos operários, mas os alunos observavam todo o processo. Os que cursavam o primeiro ano possuíam apenas a autorização para usar a grosa, no entanto os de quarto ano em estágio industrial já possuíam uma participação maior.

11 Apesar dessa modernização, o Liceu continuou sendo visto, no campo da arquitetura, como uma instituição retrógrada que precisava ser superada. Ainda havia uma imagem muito associada às corporações de ofícios em que os artesãos eram responsáveis por partes separadas da construção. O “novo” e o “progressista” estavam sendo construídos a partir de uma perspectiva de racionalização e de controle do que seria projetado pelo desenho do arquiteto. Este entendido como artista e que deveria indicar todos os passos de produção. ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura Nova. Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões*. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 18-23. O Liceu já não era o mesmo da época dos artesãos, mas essa representação não foi dissociada pelos intelectuais da época como Lina Bo Bardi, que enviou cartas de reclamação para a prefeitura contra a presença do Liceu na construção do Museu de Arte de São Paulo (MASP). CONTIER, op.cit., p. 228.

Anos 50/60: O ensino do trabalhador industrial

Em 1952, o Liceu de Artes e Ofícios optou pela desoficialização do seu ensino¹², ou seja, não precisa atender mais os pressupostos da lei orgânica de ensino industrial de 1942. Isso significava uma liberdade maior na formulação de currículos e práticas de ensino. Uma das críticas recorrentes foi de que a legislação de ensino profissionalizante construída nos anos 40 engessou a educação, atendendo de modo deficitário às transformações do mundo do trabalho e da economia dos anos 50.

A rigidez da lei orgânica do ensino industrial, que estabeleceu de antemão cursos, currículos e modos de funcionamento escolares padronizados para todos os cursos básicos industriais, impedia a adaptação do ensino às transformações da economia. Essa rigidez assumiu maior gravidade na década de 1950 quando setores inteiros da economia foram implantados (produção de automóveis, navios, vagões ferroviários, aparelhos eletrodomésticos etc.) e outros enormemente expandidos (como a produção e distribuição de energia elétrica, extração de minérios, siderurgia etc.). As novas ocupações surgidas com as transformações da economia dificilmente seriam desempenháveis pelos operários formados segundo currículos desenhados no início da década anterior, quando a política governamental de industrialização ainda estava nos seus primórdios¹³.

Segundo Cunha¹⁴, isto levou a rede de ensino a debater e repensar suas práticas em uma série de eventos como a I Mesa Redonda de Educação Industrial (1954), que possibilitou o decreto nº 47.038 de 1959 o qual flexibilizava a oferta de cursos e transformava as escolas em autarquias com autonomia. Ao invés de passar por todo esse processo, a solução buscada pelo Liceu foi a de desoficializar. Assim, enquanto as escolas da rede oficial eram obrigadas a seguir um determinado itinerário curricular, o Liceu gozava de uma autonomia maior ofertando cursos que não eram dados em outros lugares.

12 O projeto da desoficialização do ensino não era algo novo e já era algo almejado por uma série de estudiosos do início do período republicano que reivindicavam o positivismo. Para estes, nenhum cargo de trabalho poderia ser somente ocupado por quem tivesse títulos acadêmicos, pois isto criaria uma camada de pessoas privilegiadas com diplomas em detrimento das capacidades técnicas (CUNHA, *O ensino de ofícios artesanais nos primórdios da industrialização*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Unesp; Brasília, DF: Flacso, 2005b, p. 199). O empenho nesse projeto deu origem à Reforma Rivadávia que durou de 1911 a 1915 desoficializando totalmente o ensino secundário e o superior. Apesar dessa pressão por uma desoficialização completa, a Constituição de 1891 possuía brechas o suficiente para que fosse ofertado tanto o ensino oficial quanto o livre, sem que o Estado precisasse validar os diplomas e certificados (CURY, Carlos Roberto Jamil. *A desoficialização do ensino no Brasil. A reforma Rivadávia*. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 108, p. 717-738, out. 2009).

13 CUNHA, Luiz Antônio. *O ensino profissional na irradiação do industrialismo*, 2ª edição. São Paulo: Ed. Unesp; Brasília, DF: Flacso, 2005c, p.153.

14 Ibidem, p.155-162.

Hoje, ninguém forma um ajustador ou um ferramenteiro completo, a não ser o Liceu. As indústrias utilizam homens a mercê de sua grande experiência se especializam e podem preencher o lugar. É por isso que o Liceu procura essas vocações e as orienta, impedindo de todas as maneiras que um desses alunos se perca¹⁵.

Conforme pode ser visto na notícia destacada, no Liceu, ainda havia também uma concepção de ensino voltado para as classes menos abastadas. A desoficialização permitiria que a instituição focasse mais em um público que almejava cargos, principalmente, no setor industrial e que não possuía pretensões de cursar o ensino superior.

Em 1941, o LICEU foi obrigado a introduzir grandes modificações nos seus cursos para obedecer a LEI ORGÂNICA DO ENSINO INDUSTRIAL. De acordo com essa Lei, os cursos noturnos manteriam a organização já existente, enquanto os cursos diurnos passariam a ter um nível cultural mais alto, equivalente ao curso ginásial. Assim, o LICEU perdeu sua finalidade primordial de ministrar o ensino gratuito às classes necessitadas, uma vez que os alunos que lá recebiam os ensinamentos básicos, não puderam enfrentar as novas disciplinas impostas. Por outro lado, aqueles que recebiam o diploma oficial secundário do LICEU, passaram em seguida a procurar as faculdades, havendo por isso um hiato na formação de operários especializados. Somente anos após é que o LICEU pôde cumprir novamente seu objetivo inicial, quando conseguiu a desoficialização dos seus cursos diurnos¹⁶.

Ainda que não fosse exatamente o mesmo tipo de discurso encontrado no século XIX de cuidar do desvalido, havia uma concepção de habilitar profissionalmente o menino pobre. O imaginário de uma dualidade do sistema educacional persistia: um ensino profissional voltado para os setores mais precarizados e de um ensino secundário-propedêutico voltado para as elites condutoras do país. A escola do Liceu visava justamente o primeiro intento buscando medidas para afastar o jovem de seu ambiente considerado pernicioso. Havia explicitamente uma missão de “salvar” o indivíduo a partir da escolarização para o trabalho¹⁷.

O estudo é muito puxado no Liceu. O aluno só tem 25 dias de férias no ano, entra na escola às 7 e 30, sai às 16 e 30 e volta às 19 horas, para ir para casa às 22 e 30. O horário apertado tem um motivo-, como

15 *O Liceu faz o que não se faz mais*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 de janeiro de 1969, p.14.

16 Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. *Livrete comemorativo do 85º aniversário da fundação do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo*. São Paulo: S.N., 1958.

17 O que não significa que se tratava de um simples retorno das práticas assistencialistas da educação do século XIX. Enquanto as instituições profissionais do século XIX tinham uma função primordial de retirar o jovem da situação de rua, o Liceu procurava muito mais a profissionalização e a inserção desse sujeito no mercado.

os alunos vem das classes mais baixas, muitas vezes das favelas, o Liceu faz o possível para tirá-los do ambiente social original, para dar-lhes um ambiente melhor, dentro da escola. Por isso, quanto menos passar em casa, melhor.

(...)

Muito sério, a língua aparecendo no canto da boca, pelo esforço de concentração, o garoto de 15 anos vai trabalhando a madeira. De suas mãos vai saindo uma rosa entalhada, uma peça que hoje não se fazem mais. O menino veio da favela, sem nada, para receber roupa, alimento e ensino, tudo de graça.

(...)

São 600 alunos, quanto mais pobre, melhor. Só é necessário que tenham o primário e muita vontade de aprender. Do resto, o Liceu se encarrega¹⁸.

Fácil entrar

Para entrar no Liceu não se exige muita coisa. O pretendente precisa ter 12 anos completos e o curso primário. Todos os seus alunos são membros de famílias de poucos recursos, residentes na periferia da cidade¹⁹.

Através desse ensino desoficializado, os estudantes não teriam acesso ao certificado de nível de segundo grau e, por consequência, não conseguiriam o acesso ao ensino superior. Desoficializar a educação foi uma escolha pensada e que merece ser analisada em toda a sua complexidade. O diploma do Liceu habilitava a exercer cargos profissionais na sociedade, mas não dava a possibilidade de prosseguimento dos estudos. Isso expressa quais eram as prioridades da instituição. A formação almejada era para o mercado de trabalho e não havia uma pretensão, por parte da direção e professores, para que os alunos prestassem o vestibular.

Essa situação começou a lentamente a se transformar e, já nos anos 60, há uma pressão maior advinda da sociedade para os jovens ingressarem na faculdade. Segundo Luiz Antônio Cunha²⁰, a política econômica da Ditadura Militar de 1964 dificultou a acumulação de capital dos setores médios a partir de seus pequenos negócios. Assim, a ascensão econômica passou a ser alcançada mais facilmente a partir de cargos que necessitavam de um diploma de ensino superior. Isso representou uma maior demanda na sociedade por vagas nas universidades. Ainda que o regime tivesse ampliado a oferta de vagas através da reforma universitária de 1968, essa ampliação não foi o suficiente para atender os anseios da sociedade. Além do mais, grande parte dessas vagas era para faculdades privadas, o que limitava grande parte da população que não possuía condições de pagar as mensalidades.

18 *O Liceu faz o que não se faz mais*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 de janeiro de 1969, p.14.

19 *O Liceu de Artes e Ofícios*. Diário Popular, São Paulo, 31 de março de 1968, p.6.

20 CUNHA, Luiz Antônio. *Ensino Profissional: o grande fracasso da ditadura*. Cadernos de Pesquisa, v. 44, n. 154, p. 912-933, out/dez, 2014.

Toda essa pressão afetou o Liceu de Artes e Ofícios e, se nos anos 50, era favorável que a instituição mantivesse a sua política de desoficialização, nos anos 60 começaram a surgir críticas a esse modelo. Num livro de assinaturas que acompanhava as exposições de trabalhos dos alunos do Liceu²¹, um visitante escreveu um texto para expressar o seu desconforto com a impossibilidade do estudante não ter um diploma que equivalesse ao ensino ginásial ou colegial.

Esta exposição provoca-nos dois sentimentos contraditórios: alegria e sofrimento.

Alegria, por vermos a alma nacional brasileira, através destes jovens formandos, revelando-se de forma tão auspiciosa, como uma amostra da capacidade de nosso povo. Por isso, os felicitamos e congratulamo-vos conosco mesmo por termos patrícios tão habilidosos. Que Deus continue a abençoar suas mãos.

Sufrimento, por havermos sabido que estes maravilhosos técnicos e artistas não têm direito de receber nem um certificado de nível ginásial, após quatro anos de estudos, sendo seu curso considerado apenas como de formação de mão-de-obra especializada e o seu diploma de nível primário.

Quando o Governo da Revolução está empenhadíssimo em fazer da educação uma meta prioritária para o desenvolvimento nacional e, dentro desse desiderato, vem cuidando particularmente do ensino técnico, é lamentável que isto ocorra no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, talvez por lapso ou omissão da sua própria diretoria.

Com mais algumas matérias de humanidades, estes cursos poderiam ser enquadrados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em nível Colegial. E, sem dúvida alguma, teriam generosas verbas públicas para a sua manutenção e expansão.

Dessa forma, os seus formandos teriam possibilidades de prestarem exames vestibulares nas Escolas de Engenharia, como os alunos da Escola Técnica Nacional de São Paulo – do Ministério da Educação- e também os do Colégio Industrial “Getúlio Vargas”, no Ipiranga- do Governo do Estado de São Paulo- têm.

É de se cortar o coração ver os moços que projetaram e construíram aquele pantógrafo- que orgulharia qualquer indústria mecânica de qualquer país desenvolvido do mundo- ou aquel'outros que detalharam os seus projetos arquitetônicos, não poderem, sequer, matricular-se em quaisquer cursos de nível colegial.

Assim, enquanto deveriam ter a oportunidade de, em uma faculdade de engenharia, desenvolverem a sua capacidade e o seu talento em prol do Desenvolvimento Nacional, vêm-se condenados, de imediato, a duas amargas frustrações:

Primeira, de ordem material pois, sendo menores, vão receber baixos salários aonde fôrem trabalhar, mesmo porque “não têm nem Ginásio”...

E torna-se óbvio que não podem levar consigo o Pantógrafo, para mostrarem a sua competência.

A segunda, de ordem moral, por sentirem, nos seus futuros emprêgos, que estarão desempenhando tarefas muito baixas para o seu alto nível de conhecimentos, decorrente do elevado preparo técnico e

21 Esse livro de assinaturas pertence ao acervo do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e pode ser encontrado com o nome “Livro das solenidades”. Ele é algo bem grande e possui uma capa de madeira e guardas em couro de crocodilo. A primeira exposição registrada por ele é de 1936 e a última é de 1972.

prático que tiveram no Liceu de Artes e Ofícios.

E quando, juntamente com isso, perceberem que os seus chefes, contra-mestres ou mestres sabem menos do que eles?!...

Se tivessem direito a um diploma de nível Colegial, ou pelo menos Ginásial, tais fatos não ocorreriam. Acreditamos, sinceramente, que esta situação vá ser corrigida, pois debitamos mais à modéstia da D.D. Diretoria do inigualável Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo do que a quaisquer outras razões. Aquí deixo os meus respeitosos cumprimentos aos professores e mestres que tão eficientemente cumprem a sua missão.

Ao mesmo tempo censuro-os pela sua excessiva humildade.

À D.D. Diretoria, após as observações feitas, quero transmitir meus parabéns pelo trabalho efetuado.

Aos caríssimos formandos, desejo que sejam o mais felizes possível, incentivando-os a continuarem a, pela vida afora, continuarem a fazer tudo tão bem feito como o que nesta exposição mostraram.

Que Deus Todo Poderoso os abençoe,

São os ardentes votos do amigo e admirador.

Carlos Amadeu Lima Ferreira

São Paulo, 12.12.69

Os tempos estavam mudando e a escola sentiu a necessidade de se adequar aos novos desejos de uma classe média ascendente. Com cada vez mais pessoas querendo ter a possibilidade de prestar os exames vestibulares, não era mais vantajoso à instituição fornecer apenas uma habilitação profissional sem o certificado de segundo grau. Além do mais, o SENAI já estava cumprindo um papel na formação de oficiais, concorrendo com o Liceu. A direção, então, optou por atender um outro público remodelando o seu currículo nos anos 70.

Associado a isso também, nos anos 70, ocorreu uma crise no sistema capitalista com o aumento do preço do petróleo pelos países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Isso afetou de forma profunda muitas das políticas econômicas dos países do globo que tiveram que reestruturar o seu mercado de trabalho, sobretudo no que se refere ao setor industrial, que sempre foi uma marca do Liceu. A produção fabril no mundo começou a sentir alguns efeitos negativos, questionando o modelo de produção em larga escala do fordismo/taylorismo e, para evitar desperdício, outro modelo baseado num sistema flexível de mecanização ganhou cada vez mais espaço. Para o controle dessa produção, preconizava-se, assim, uma mão-de-obra multifuncional que conhecesse todas as etapas de confecção e que, portanto, tivesse bastante qualificação²². Estas mudanças não ocorrem de forma instantânea, mas já enunciam a necessidade cada vez maior do diploma e de cursos mais graduados, mesmo que fosse para exercer outras funções.

22 PINTO, Geraldo Augusto. *A organização do trabalho no século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 37-45.

Anos 70/ 80: O ensino do técnico

Com o intuito de aliviar a pressão por vagas na faculdade, a partir da lei nº 5692/71, o governo federal adotou uma política de tornar compulsória uma habilitação profissional para os estudantes de segundo grau. Assim, ao invés de procurar uma formação profissional apenas no ensino superior, os estudantes deveriam cursar um ramo técnico. No entanto, essa experiência não foi bem sucedida, pois não foram dadas às escolas a infraestrutura necessária para atender à obrigatoriedade da lei. Apenas algumas, que já possuíam previamente todo o aparato para conceber cursos profissionalizantes, conseguiram sucesso em administrar o ensino técnico²³.

Esse foi o momento também em que se encerrou o teste de admissão para o nível ginásial, transformando o ensino básico, que passou a ter oito anos. Esse teste impedia que uma grande parcela da população conseguisse prosseguir nos estudos. Mesmo ausente esse exame, ainda havia altos índices de reprovação. Todavia não se pode ignorar que foi retirado um grande entrave para a democratização do ensino. Todo esse processo também significou que o 2º grau passou a receber alunos maiores e foram estes que passaram a ser o público do Liceu.

De um Núcleo Livre de Ensino Profissional, o Liceu passou a ser uma escola técnica oferecendo diplomas equivalentes ao 2º grau (ensino médio) e que, por consequência, permitiria a realização do ensino superior. Isso significou novas possibilidades na trajetória dos estudantes e é possível encontrar muitos que optaram por seguir uma carreira acadêmica na faculdade. A partir de uma série de contatos e entrevistas com ex-alunos dos anos 70²⁴, é possível constatar que muitos resolveram cursar o nível superior sendo que alguns em áreas, inclusive, contrárias ao curso escolhido no nível técnico.

Apesar disso, o acesso ao ensino superior ainda não se constituía em um dos principais objetivos da instituição. As mesmas entrevistas costumam pontuar o papel da instituição na formação para o mercado de trabalho e como o ensino estava direcionado para a profissionalização.

As chances eram muito grandes. E eram muito grandes para muitas pessoas que até deixaram de fazer faculdade para se dedicar já imediatamente na área. Eu conheço ex-colegas que fizeram isso. Quero dizer, para que é que eu vou fazer. E não fizeram USP ou outra escola. Meu irmão também. Ele não fez, por exemplo, um curso de engenharia mecânica e só ficou com um curso lá.

23 CUNHA, Luiz Antônio. *Ensino Profissional: o grande fracasso da ditadura*. Cadernos de Pesquisa, v. 44, n. 154, p. 912-933, out/dez, 2014.

24 Estas entrevistas foram realizadas por mim mesmo no ano de 2018 em virtude da minha pesquisa para a dissertação de mestrado.

(...)

E na época, ele também estava empregado em uma indústria multinacional, que era uma indústria holandesa que fazia um trabalho... faz até hoje... um trabalho junto aos abatedouros avícolas, com a carne que é exportada. Então ele me dizia, em trânsito por São Paulo, o Brasil todo, Holanda, ganhando muito bem. Não teria nexo parar para fazer uma faculdade. Então essas oportunidades que o ensino no Liceu e o ensino profissional que normalmente dão. Elas são muito gratificantes.

(Depoimento de Paulo César da Silveira, ex-aluno do curso de Desenho de Construção Civil)

E tinha um aspecto assim muito positivo do Liceu que era o fato de que a grande maioria dos alunos ao se formar saíam já praticamente com emprego. Sabe, já com um emprego. E empregos bons. Não era. O que eu via acontecer assim é que o nível técnico que tinha um salário X e o nível superior. E assim, por exemplo, nas edificações isso era visível. Tinha o teto de edificações. Tinha o engenheiro civil. A diferença era relativamente grande de salário entre um e outro, mas o que acabou acontecendo é o que a do engenheiro civil que abaixou. Sabe? E o de técnico de edificações não baixou tanto quanto baixou do engenheiro. Porque havia uma falta de mão de obra qualificada nesse nível técnico, muito grande. Então os nossos alunos saíam com empregos e empregos, assim, bons. Se bobearse, se a gente vê, eles já estavam ganhando mais do que a gente estava ganhando como professores, no nível técnico. Então, o que eu lembro assim. Essa angústia que eu passei, por exemplo, dando aulas por 35 anos numa universidade particular dos alunos saindo, por exemplo, do curso de administração de empresas. Eles entravam no curso de administração de empresas como vendedores de uma loja de tinta. Eles saíam do curso de administração de empresa e, depois de um ano, eu calhava de encontrar na loja de tinta eles ainda como vendedores. Essa angústia de não ter a colocação adequada no mercado de trabalho pelo inchaço e pelo... pela queda mesmo do nível das escolas. Isso no Liceu eu não tinha. Os alunos já saíam 2 ou 3 anos e estava todo mundo trabalhando. Alguns iam para a faculdade, mas não era o curso que era feito para ingressar na universidade. E nem precisava, na verdade. Eles tinham uma colocação boa e depois de algum tempo. A gente ficava sabendo que entravam em faculdade. Mas era um curso técnico profissionalizante de verdade. Não era de faz de conta.

(Depoimento de Ilze Mari Dell'Erba Silva, ex-professora de história do Liceu)

Porque quando a gente faz o curso técnico, você tem algumas matérias que você não tem. Química eu acho que era uma delas. A gente não tinha química. Se não me falha a memória, a gente não tinha química no Liceu. Então você ia para o vestibular com déficit em algumas coisas porque você tinha feito um curso profissionalizante de 4 anos. Você tinha outro diploma. Tanto é que eu me lembro que a gente podia assinar... assinar plantas de dois andares, eu lembro que tinha uma definição de quanto a gente podia construir. Assinar no caso.

(Depoimento de Cristina Fastellini, ex-aluna do curso de Desenho de Construção Civil)

A partir da propaganda oficial, é possível encontrar uma identidade construída para si de uma instituição que privilegiava muito mais a formação técnica do que a formação para

se conseguir o bacharel. O ensino da faculdade, inclusive, era visto como um concorrente a ser superado.

Mais vale um técnico bem sucedido do que um bacharel sem emprego

O Liceu de Artes e Ofícios está com você nesta luta para vencer na vida. Ele tem mil vagas para os seus cursos de decoração, edificação e máquinas e motores. Esses cursos formam técnicos que fazem coisas que muito cara com anel no dedo não faz e ganham o que muito cara com anel no dedo não ganha. Os horários das aulas combinam certinho com aquele tempo que você sempre tem de sobra. Ou de manhã, ou de tarde, ou de noite. O curso dura três anos e vale como o Colegial de 2º ciclo. Mas, o mais importante de tudo isso é que é tudo de graça. O Liceu mantém o Colégio Industrial Francisco de Paula Ramos de Azevedo, para que você estude os três anos sem pagar um centavo pelo preço da fama. Agora que você já sabe que no Brasil de hoje e de amanhã os técnicos tem bons empregos garantidos, venha fazer sua inscrição no Liceu. Lembre-se de que um técnico bem remunerado, vale muito mais do que um doutor sem nenhum tostão no bolso²⁵.

Em um manual da instituição denominado “Bolsas de Estudo LICEU”²⁶, há uma seção em que a instituição promove-se a partir da exibição de algumas trajetórias de estudantes que passaram por ela. Os alunos destacados são aqueles que conseguiram uma posição vantajosa no mercado de trabalho. Essa é uma postura divergente do que é possível encontrar nos dias atuais na mesma instituição, que agora procura ressaltar aqueles que tiveram as notas mais altas nos exames vestibulares.

José Carlos Sérgio formou-se em 1975, na 1ª turma de Desenho de Construção Civil do Liceu. Até o primeiro ano do curso, trabalhou como auxiliar de cobrança. Já no segundo ano, iniciou estágio no escritório de arquitetura de Fernando Karazawa, onde foi efetivado como desenhista. Hoje, com 23 anos, José Carlos é um dos projetistas da equipe que executa projetos de residências e edifícios, utilizando os conhecimentos adquiridos no Liceu.

Wagner Margoelano, também formado em Desenho de Construção Civil, na turma de 1976, é projetista no escritório da Petrobrás, em São Paulo. Wagner trabalhava como vendedor na Cia. Antártica, quando entrou para o Liceu. No decorrer do curso, estagiou por seis meses na Prefeitura de Guarulhos e prestou concurso na Petrobrás, onde começou a trabalhar como desenhista. Promovido a projetista, Wagner era responsável por toda a parte de elaboração de layouts, desenhos de formulários e acompanhamentos do serviço de obras. Participa da equipe que supervisiona a construção da nova sede da indústria no Morumbi.

Osmir Tadeo Pereira formou-se em 1975 como Técnico em Mecânica. Trabalha há quatro anos na DF Vasconcellos, firma especializada na produção de instrumentos óticos. Osmir começou como

25 *Cursos técnicos*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 28 de março de 1972, p.26.

26 Não é possível obter uma datação muito precisa do ano a qual pertence esse manual, mas, através das informações obtidas, pode-se concluir que pertence, por volta, dos anos 80/90. Este material foi obtido no acervo do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.

estagiário, passando por todos os departamentos da engenharia industrial. Efetivado logo após o curso como técnico em mecânica, elabora projetos de dispositivos para fabricação de peças óticas, projetos de máquinas para usinagem de vidros e aparelhos de medição para lentes e prismas.

Fádua e João Carlos de Oliveira estão casados há três anos. Ambos cursaram juntos o curso de Edificações no Liceu e trabalharam na mesma empresa, a Dersa- Desenvolvimento Rodoviário S.A. O primeiro emprego de Fádua, ainda durante o curso, foi um estágio na L.A. Falcão Bauer, onde após três meses foi contratado como tecnologista, passando a realizar ensaios de laboratórios com materiais, além de fiscalizar materiais nas obras. Após dois anos, Fádua entrou para a Dersa, onde atualmente é calculista no Departamento de programação e Controle. João Carlos trabalha na Divisão de Obras da Dersa, onde é assistente técnico na quantificação. Começou como auxiliar de escritório enquanto cursava o Liceu. No segundo ano, conseguiu um estágio remunerado na CTM Engenharia, local onde ficou por três meses, indo então para a RIC (Recuperação Industrial de Caldeiras e Equipamentos Técnicos) como responsável pela elaboração de projetos de tubulação. Ao se formar, João Carlos foi convidado a trabalhar na Dersa, onde começou como assistente técnico de medição. Atualmente é responsável pelo levantamento quantitativo de projetos, como os da Rodovia dos Bandeirantes e dos novos viadutos da Via Anchieta. João Carlos afirma: “O Liceu teve grande importância em minha vida profissional”.

Percebe-se que ainda que alguns estudantes já estivessem optando pelo ensino superior nos anos 70, o foco da instituição era muito mais a formação técnica para o mercado de trabalho. Esta foi uma identidade construída pela escola e que possuía suas raízes na proposta de profissionalização desde a sua origem. Contudo, é preciso afirmar que a imagem da escola nos anos 70 também diferia daquela produzida nos anos 50 e 60, que possuía uma ênfase nas classes menos abastadas. O aluno continuava a não pagar o valor das mensalidades, o que garantia a instituição o caráter de assistência social e, assim, isenção de algumas taxas que contribuía para a produção fabril do Liceu. Todavia, o discurso de proteção ao aluno pobre desapareceu e, nos jornais, o que se percebe foram as convocações para as provas de ingresso à instituição.

Outra diferença posta entre os anos 50 e 60 foi a formação de outro tipo de profissional. Ao invés dos ferramenteiros, mecânicos e torneiros; nos anos 70, a escola ficou engajada na preparação de especialistas técnicos de 2º grau. Inicialmente, nas áreas de máquina e motores, edificações, decoração e desenho de construção civil, mas depois o currículo ainda passou por algumas alterações, como em 1981, quando se encerrou o curso de Decoração e se promulgou, no ano seguinte, o de eletrotécnica e de eletrônica²⁷. O que se percebe é a alteração dos objetivos pedagógicos. A explicação dada pela edição de 28 de março de 1972 do

27 CASAGRANDE, Sandra Regina. *Desenvolvimento do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e o seu papel na formação da mão de obra qualificada para a arquitetura paulistana nos seus 124 anos*. Dissertação (mestrado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1997, p.91.

jornal Estado de S.Paulo, na reportagem “Cursos técnicos”, é que o SENAI já estava preenchendo o espaço da formação dos oficiais, enquanto havia uma lacuna a ser preenchida na formação de profissionais de segundo grau:

O Liceu, que sempre formou profissionais ferramenteiros, mecânicos, ajustadores, torneiros, fresadores e outros técnicos no Núcleo de Ensino Profissional Livre, está entrando num campo novo este ano, iniciando a preparação de especialistas, mestres, contramestres e encarregados, que se formarão no Colégio Industrial, de segundo ciclo, diplomando-se em máquinas e motores, edificações ou em decoração.

A razão dessa mudança é que, na formação de técnicos-oficiais, além do Liceu, trabalha também o Senai, com apoio oficial e grande potencialidade econômica, estando preenchida a lacuna do setor. Num nível de formação mais alto, entretanto, há muita falta de profissionais e é comum a indústria utilizar engenheiros, com salários de engenheiros, em funções que deveriam ser executadas por especialistas formados em segundo grau, capazes de assumir certas responsabilidades importantes e servindo de ligação entre empresa e o operário.

Outro elemento a destacar é a mudança da indústria do Liceu para o Parque da Água Branca. Apesar dos anos 40 constituírem um divórcio entre as práticas educativas e as produtivas, as oficinas localizavam-se praticamente no mesmo terreno da escola. Isso permitia que os estudantes pudessem circular por esses espaços e que fizessem algumas atividades de aprendizado no próprio ambiente da fábrica. Nos anos 70, o divórcio completou-se e já havia dois espaços totalmente diferentes e distantes um do outro. A indústria crescera de tal modo que não podia ficar restrita à rua da Cantareira e a escola modificara os seus objetivos a ponto de atender um outro público.

Anos 90/2000 e século XXI: o ensino para o vestibular

Aos poucos, percebe-se que o vestibular para o ensino superior foi cada vez mais assumindo as preocupações centrais da instituição. A dissertação de mestrado de Cristiano Hernandes (2011) sobre as ciências humanas no ensino do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo analisa o quanto as disciplinas escolares nos anos 90 e 2000 começaram a ficar cada vez mais parecida com a estrutura curricular exigida pelo vestibular. Houve um alinhamento entre o que era ensinado em sala de aula e o que era cobrado pelos principais exames. Isso também ocorreu por conta da mudança de perfil dos alunos, que passavam a procurar o ensino do Liceu pela gratuidade e a qualidade. O aspecto da educação técnica não seria

totalmente negligenciado²⁸, afinal, para muitos que ingressavam, era importante ter uma habilitação para conhecer melhor um determinado mercado de trabalho, mesmo que esse mercado de trabalho não representasse a escolha profissional definitiva do indivíduo.

O final do século XX e início do XXI é um período em que o acesso dos mais jovens ao mercado de trabalho tem sido mais difícil, pois existe uma demanda maior por uma mão de obra que está melhor qualificada. Ao serem precarizados os vínculos empregatícios, propaga-se a ideologia de um trabalhador que deve ser multifuncional, realizando diversas tarefas e que, a todo momento, deve se atualizar para as atividades que vão mudando constantemente²⁹. Isto pressiona o indivíduo a procurar mais qualificação e, como o mercado não absorve toda essa população, pessoas com pós-graduação passam a se empregar em outras tarefas que poderiam ser preenchidas com nível técnico. Assim para muitos jovens, ainda que não saiba qual será a sua carreira profissional, é recomendável que tenha uma formação adicional para que, assim, consiga se situar melhor no mercado do que a pessoa que não tem. Portanto nessa sociedade extremamente competitiva, o ensino técnico, muitas vezes, acaba perdendo grande parte do seu valor em si e passa a ser compreendido como um adicional. A fama das escolas técnicas, que recebem um grande investimento por parte do Estado, como estabelecimentos de um bom ensino médio, contribuem para que muitos as considerem como um meio para ingressar mais facilmente no ensino superior. Inclusive há uma verdadeira indústria dos vestibulinhos em São Paulo, que envolve cursinhos e apostilas para ingresso nas Etecs, no Instituto Federal e no Liceu.

A ênfase do Liceu no vestibular apenas se acentua no século XXI, com a instituição adotando práticas como a de simulados. Tais transformações fizeram também que a escola obtivesse altos índices de aprovação, estando entre uma das que mais formam alunos que passaram no processo seletivo do ensino superior. A propaganda oficial da instituição retoma essa preocupação. Percebe-se assim que a ênfase não está tanto na capacidade da instituição em profissionalizar os seus estudantes, mas sim em quanto ela consegue se manter como escola nessa nova conjuntura educacional e do mercado de trabalho fornecendo um ensino para o ingresso na faculdade pública. O site oficial da escola está repleto de exemplos que podem servir para revelar tal postura. Na aba “Quem somos”, a escola constrói a sua identidade como:

28 Sobre a educação técnica ofertada no Liceu é importante registrar que ela possuiu alterações no que concerne à sua grade de disciplinas ao longo do tempo. Em 2007, por exemplo, foram ofertados os cursos de Gestão de Negócios Culturais, Produção de Eventos Culturais e Produção de Multimídia. Todos estes referentes ao setor de serviços, este que por sua vez estava em constante crescimento no país suplantando até mesmo o setor industrial. Todavia apenas o de multimídia sobrevive em 2009 e, assim, nesse ano em específico, foram ofertados também o de eletrônica e edificações.

29 PINTO, Geraldo Augusto, op. cit, p.70-71.

Estamos posicionados entre as 5 melhores escolas de São Paulo pelo ranking do ENEM e 80% dos nossos alunos foram aprovados nos vestibulares das universidades mais disputadas, sem a necessidade de fazer cursinho preparatório, em 2015³⁰.

No mesmo site, os alunos homenageados são aqueles que tiveram notas altas nos exames vestibulares. Como exemplos, cito notícias como o de Isabelle Hyppolito³¹, aluna do curso de multimídia, que tirou uma das maiores notas da redação da Unesp e que foi aprovada em engenharia ambiental pela Unifesp. Ou de Rafaela Tanimura³², do curso de edificações, que tirou a nota máxima no Enem e conseguiu o primeiro lugar na Universidade Federal do Pampa no curso de Medicina. Curioso notar que nos dois casos, elas não optaram por seguir o mesmo curso escolhido para o ensino técnico no ensino superior. Algo que contrasta de forma bem profunda ao que foi evidenciado nos anos anteriores, em que a propaganda consistia em justamente demonstrar o sucesso na carreira profissional dos alunos que escolheram o curso técnico do Liceu. Nas últimas décadas, o vestibular assumiu a centralidade nos objetivos pedagógicos e as artes e os ofícios apenas surgem como definidores de seu nome demarcando uma tradição que, aos poucos, se transforma e se adapta à nova realidade brasileira.

Considerações finais

O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo é uma instituição centenária que passou por diversas transformações no que concerne aos seus objetivos pedagógicos. Estas transformações não podem ser pensadas apenas a partir da legislação educacional. A escola possui a sua própria história e negocia de forma dialética com os diversos poderes ao seu redor. Se em um primeiro momento, o Liceu aceitou estar vinculado às leis orgânicas de ensino industrial; em 1952, desoficializa os seus cursos por justamente crer que isso afetaria os objetivos que a instituição possuía para si. Assim, segundo a diretoria, o Liceu voltaria a educar para o mundo do trabalho, algo que também estava bastante associado a uma proteção e educação do jovem proveniente de classes menos abastadas. A partir da análise dos discursos, percebe-se a permanência de certa concepção dual de ensino, que possui as suas raízes desde o período

30 <<http://www.liceuescola.com.br/o-liceu/quem-somos/>> acesso em 23-1-2019, 18h 11min.

31 <<http://www.liceuescola.com.br/noticias/aluna-do-liceu-tira-nota-100-na-redacao-da-unesp/>>, acesso em 9-4-2019, 11h45min.

32 <<http://www.liceuescola.com.br/noticias/aluna-do-liceu-rafaela-tanimura-tira-nota-maxima-no-enem/>>, acesso em 9-4-2019, 11h46 min.

colonial, em que a escola profissionalizante é entendida como algo para as classes de menor poder aquisitivo e o secundário-propedêutico e o superior para as elites condutoras.

A desoficialização permitiu uma maior liberdade de currículo fazendo com que este não estivesse tão apregoadado às diretrizes das leis orgânicas, no entanto isso fez com que o diploma do Liceu não pudesse habilitar o aluno ao prosseguimento dos estudos em nível de segundo grau ou ao superior. Isso fortalece o argumento de que o que era visado era a formação profissional, não havendo nenhum interesse por parte da instituição em fornecer uma educação propedêutica. Essa foi a tônica presente nos anos 50 e 60, todavia, no final dos anos 60, já se começa a encontrar algumas críticas a esta postura do Liceu de Artes e Ofícios.

Entre os anos 60 e 70, a pressão por vagas na faculdade começou a crescer. Isso em virtude de uma política econômica instaurada pelo regime militar, que minou a capacidade dos pequenos produtores de ascender economicamente e o que fez com que a classe média optasse pelo ingresso no setor de serviços, necessário à diplomação de ensino superior.

Assim, sob o discurso que era necessário acompanhar as novas tendências da sociedade, o Liceu optou por estar vinculado às diretrizes oficiais estabelecidas pela lei nº 5692/71 ofertando, assim, o ensino técnico das seguintes habilitações: Máquinas e motores, Edificações e Decoração. Nesse momento, o ensino de 1º grau passou a ser de 8 anos e o nível profissionalizante do Liceu era destinado aos alunos de 2º grau, hoje chamado de ensino médio. Havia um projeto da ditadura militar de tornar a habilitação profissional compulsória para “desafogar” a pressão por vagas nas faculdades, o que não deu resultados muito frutíferos, já que não foram dadas às escolas os subsídios para implementar a reforma.

O diploma de ensino médio permitia que os alunos pudessem cursar o nível superior, algo que aconteceu com muitos estudantes do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Apesar disso, é possível perceber, no plano dos discursos, que a instituição privilegiava muito mais a formação profissional à propedêutica. É possível encontrar diversas propagandas da escola que valorizavam o diploma de técnico em detrimento ao do superior e que afirmavam a questão da excelência do ensino a partir da capacidade de profissionalização que a instituição garantia.

Aos poucos, esse discurso foi cedendo espaço para outro que foca muito mais na capacidade da instituição de fazer com que os estudantes passem no vestibular. Nos anos 90 e 2000, já é possível identificar traços dessa nova postura a partir dos currículos que vão se assemelhando aos conteúdos cobrados nos principais exames de ingresso ao ensino superior. Ao longo do tempo, isso foi se acentuando de tal modo que a principal propaganda, atualmente, da instituição, em seus “folders” e na mídia virtual, é que o Liceu é uma das escolas que mais faz com que os estudantes tenham boas notas na Fuvest e no Enem, sem a necessidade de cursinhos. Se antes era destacado os alunos que conseguiam uma carreira

profissional de êxito, no século XXI o marketing da instituição revela a mudança de sua postura pedagógica. O discurso da profissionalização não desaparece por completo, mas se minimiza perante uma preocupação mais contundente que é o acesso à universidade. Tudo isso interfere nas práticas educativas em sala de aula. Para garantir essa posição no “ranking”, são exercidos diversos tipos de práticas como simulados.

Os objetivos pedagógicos de uma escola são construídos historicamente e podem apresentar mudanças ao longo do tempo. Escola e sociedade não podem ser compreendidas como apartadas. Para uma análise da história de uma escola é necessário identificar seus objetivos em cada contexto e os impactos sobre ela do mundo ao redor. A escola está em permanente diálogo com a sociedade e responde às demandas sociais.

Recebido: 30/09/2019

Aceito: 11/11/2019